

Estratégias educativas na prevenção de acidentes com aranhas em escola pública da zona oeste do Rio de Janeiro, RJ

Thamires L. B. Silva¹; Ana C. P. Santos¹; Vanessa F. Rosa¹; Beatriz V. Pereira¹; Gabriella Q. S. Vilela¹; Larissa T. Vasconcelos¹; Marcelo A. Soares².

1 - Alunos de Graduação em Ciências Biológicas - Escola de Saúde e de Meio Ambiente. Centro de Pesquisa em Biologia – CEPBIO. Universidade Castelo Branco. Av. Santa Cruz, 1631, Realengo, Rio de Janeiro, RJ – CEP 21.710-250.

2 - Prof. Dr. do Curso de Ciências Biológicas - Escola de Saúde e de Meio Ambiente. Centro de Pesquisa em Biologia – CEPBIO. Universidade Castelo Branco. Av. Santa Cruz, 1631, Realengo, Rio de Janeiro, RJ – CEP 21.710-250.

Acidentes em seres humanos têm sido provocados por aranhas em muitas regiões do mundo, porém poucas são as espécies consideradas de interesse médico, embora em alguns casos se revistam de gravidade expressiva e com acidentes fatais. No Brasil ocorrem três gêneros considerados de importância médica: *Latrodectus*, *Loxosceles* e *Phoneutria*. Apesar de relativamente negligenciados, quando comparados ao ofidismo, estes acidentes configuram-se como um problema de saúde pública, especialmente em regiões tropicais do mundo. O presente estudo teve por objetivo informar sobre a prevenção de acidentes com aranhas de importância médica com alunos do ensino fundamental na zona oeste do Rio de Janeiro. O trabalho foi realizado pelo projeto de extensão “O Bicho vai Pegar!” no Centro de Pesquisas em Biologia – CEPBIO da Universidade Castelo Branco, com alunos da escola E. M. Pintor Lasar Segall, localizada na zona oeste do Rio de Janeiro. A principal metodologia foi o estudo qualitativo e quantitativo de coleta de informações através de questionários aplicados antes e depois da intervenção (pré e pós-teste) sobre o conhecimento e prevenção de acidentes com aranhas. Cerca de 10% responderam que já foram picados por aranhas e 35% conhecem alguém que já foi picado. Dos entrevistados 85% disseram que aranhas são insetos no pré-teste, já no pós-teste todos disseram que não. Dentre eles, 85% disseram não conhecer os primeiros socorros em casos de acidentes no pré-teste e 95% afirmaram conhecer no pós-teste, enquanto que 40% achavam que existe soro para tratamento em casos de acidentes com aranhas antes e 85% respondeu não existir soro depois. Os resultados deste estudo revelam a importância de palestras educativas com alunos do ensino fundamental na zona oeste do Rio de Janeiro, também o esclarecimento sobre a importância da prevenção dos acidentes com aranhas de interesse médico, os riscos e a gravidade destes acidentes.

Palavras-chave: Acidentes, Aranhas, Rio de Janeiro.

Apoio: Universidade Castelo Branco.